

ENTRE EXPERIÊNCIAS E SUPORTES: CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

EXPERIENCES AND BETWEEN BRACKETS: MATERIALISM CONTRIBUTIONS IN HISTORY AND DIALECTICAL INDIVIDUAL TRAINING

Custódio Jovêncio Barbosa Filho¹

RESUMO

No trato com as experiências e suportes, este estudo buscou analisar as contribuições que a concepção materialista e dialética da história pode proporcionar, como espaços formativos de indivíduo. Tomando como aporte teórico-metodológico um estudo bibliográfico baseado em Marx e os marxistas Plekhanov (1980); Thompson (1987, 1998, 2002, 2010); Pistrak (2000) dentre outros, nos permitiu a partir desta aproximação teórica, compreender como estes autores puderam contribuir de forma significativa para dar conta da questão-problema proposta por este estudo: quais contribuições a concepção materialista e dialética da história pode proporcionar, como espaços formativos de indivíduo, nas relações existentes entre experiências e suportes? Este estudo mostrou que no percurso da história, por meio das experiências, tendo por base alguns suportes, a concepção materialista e dialética da história tem proporcionado um ótimo espaço de interação e formação para os indivíduos que se colocam em movimento de maneira, intencional, em vivenciar novas experiências que emergem nos diversos tempos e espaços em que estes indivíduos transitam.

Palavras-chave: materialismo histórico. dialética. experiências. suportes.

ABSTRACT

In dealing with how experiences and Supports, this study sought to analyze how que Materialistic Conception contributions and dialectic of history MAY provide, as individual formative spaces. Taking as theoretical and methodological support hum bibliographic study based on Marx and the Marxist Plekhanov (1980); Thompson (1987, 1998, 2002, 2010); Pistrak (2000) Among others, allowed us to one From this theoretical approach, Understanding How These authors have contributed significantly to paragraph Account Issue-problem proposal IN this study: What contributions The materialist and dialectical conception of history MAY provide, as individual formative spaces, NAS existing relations between experiences and Supports? This study showed that in the course of history, through the experiences, based tendon FOR Some holders, the materialist conception of history and dialectic HAS provided hum Great Space and Interaction Training paragraph individuals who stand in way of movement, intentional, experience in New Experiences que nos emerge Several rhythms and spaces in que These individuals pass.

¹ Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGE/FAE/UFMG). Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (CE/UFES).

Keywords: historical materialism. dialectic. experiments . supports.

INTRODUÇÃO

A temática deste estudo tem nos provocado, de uma forma mais sistematizada, um debruçar mais atento às dinâmicas que as experiências e os suportes podem proporcionar, no que tange, a espaços formativos de indivíduos que se reconhecem enquanto um ser social.

Nesse viés, tomamos para pensar as relações existentes entre experiências e suportes um aporte teórico-metodológico que pudesse nos dar condições, do ponto de vista da teoria, fundamentações para analisar nossa questão problema: quais contribuições à concepção materialista e dialética da história podem proporcionar, como espaço formativo de indivíduo, nas relações existentes entre experiências e suportes?

Esta questão que já perpassava pelo nosso processo formativo, ganha atividade força de maneira mais intensa, a partir das discussões que fizemos no interior de uma disciplina no doutorado em educação, sobre a formação do indivíduo e, das interações que já víamos produzindo sobre o conceito de experiências a partir das literaturas que temos debruçado nos últimos anos.

Para dar conta de responder à questão problema, elencamos como objetivo geral, analisar as contribuições que a concepção materialista e dialética da história podem, proporcionar, como espaços formativos de indivíduo, nas relações existentes entre experiências e suportes. E como metodologia um estudo bibliográfico tendo como suporte teórico os escritos de Marx e de alguns marxistas, dentre eles Plekhanov (1980); Thompson (1987, 1998, 2002, 2010); Pistrak (2000).

O movimento da pesquisa para a tessitura deste artigo nos levou ao seguinte resultado: no percurso da história por meio das experiências, tendo alguns suportes, a concepção materialista e dialética da história tem proporcionado um ótimo espaço de interação e ampliação no processo formativo dos indivíduos, a partir do movimento em que os sujeitos vivenciam novas experiências.

Com isso, buscamos na produção deste artigo trabalhar com os dois conceitos que entendíamos ter melhores condições de contribuir no processo de formação ampliada de indivíduos nas relações intrínseca com a perspectiva materialista e dialética da história.

O TRATO COM A EXPERIÊNCIA

Este tem sido um dos conceitos que mais tem chamado a atenção de pesquisadores das diversas áreas que trabalham na interface com a educação nos últimos anos. Autores como Plekhanov (1980); Thompson (1981, 1998, 2002, 2010); Pistrak (2000); Marx (2009), dentre outros se detiveram em tratar a experiência como fato mais importante na formação ampliada de indivíduos.

Formação esta que, de certa forma, se distancia da que estão sendo acessada para o ingresso no mercado de trabalho. Thompson (1981) considera o conceito de experiência tão relevante que elabora um texto fazendo duras críticas à Althusser ao destacar que ele, nos seus escritos estruturalistas, sobre o pensamento de Marx, não considerou este como sendo um conceito chave. Para Thompson.

Toda educação que faz jus a esse nome [educação liberal] envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material e seu dispor como uma turma de passivos recipientes de educação. Mas, na educação liberal de adultos, nenhum mestre provavelmente sobreviverá a uma aula – e nenhuma turma provavelmente continuará no curso com ele – se ele pensar, erradamente, que a turma desempenha um papel passivo. (THOMPSON, 2002, p. 13)

Nesse sentido, considerar a potência de que os indivíduos trazem consigo, suas experiências de vida na perspectiva da tradição e das culturas que os envolvem, nos remete a corroborar com Thompson (2002, p. 13) de que,

A experiência modifica, às vezes de maneira sutil às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres, currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo.

A experiência passa a ser um pontencializador das capacidades formativas dos indivíduos que ao desvelar sua sutilidade e/ou radicalidade avança para que, os mesmos, na busca do processo em que a arqueologia do saber, assim como destacada por Foucault, passa a

ter uma maior efetividade ao fazer uma reflexão entre a teoria e a prática e/ou prática e teoria das relações em sociedade.

Sob a ótica das vivências pela qual os indivíduos passam nas relações de formação entre outros indivíduos, nos levaram a refletir sobre a ação da experiência neste processo formativo. Diante desse contexto, ao compreendermos que a experiência é algo que nos toca, nos faz sair de uma condição cristalizada da produção do saber e entrar em um espaço movediço de profundas mudanças na condução da ideia de produção do conhecimento e nas interações de comunicação e pesquisas, o conceito de experiência exposto por Jorge Larrosa (2002, p. 21) nos ajuda a entender melhor os processos formativos dos indivíduos. Ele destaca,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Ao deslocar o olhar para tentar compreender a força atividade da experiência na interação com a sociedade por meio dos aspectos formativos nos levou a refletir que essa

[...] experiência, [é] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Nesse sentido, enaltecer a experiência pode ser também enaltecer todas as relações que passou sobre nós, o que nos aconteceu, o que nos tocou enquanto percurso formativo nas experiências de interagir com a sociedade tendo o materialismo histórico e dialético como suporte.

Nas veredas feitas no intuito de desnudar as questões ligadas ao materialismo histórico, Plekhanov, faz um percurso na história apontando as contradições entre a história idealizada e a história materializada. Uma das obras que o autor faz menção a estas questões se expressa na “a concepção materialista da história”. Para este autor a experiência é um dos grandes aportes que os homens poder ter para se formar. Diz ele

(1980, p. 20) “as ideias, ou os princípios dos homens, provêm da experiência, quer se trate dos princípios especulativos, quer dos princípios práticos ou princípios morais.”

Tomando estes princípios que provêm de uma dada experiência Plekhanov (1980, p. 20) destaca que “os princípios morais variam segundo os tempos e os lugares. Quando os homens condenam determinada ação, é porque ele os prejudica. Quando a enaltecem, é porque lhe é útil”.

Com isso, o autor está demonstrando que, a materialidade dos fatos na historicidade dos homens ocorre porque estes homens são parte integrante de uma história que está sendo gestada por eles por suas experiências de vida. Ele destaca ainda que:

Não existem ideias inatas no espírito dos homens; é a experiência que determina as ideias especulativas e é o interesse social que determina as ideias “práticas”. Admitamos este princípio e vejamos que consequências decorrem dele. (PLEKHANOV, 1980, p. 21)

Esta ênfase dada nas questões sobre a experiência destacada por Plekhanov é também retratada nas obras de Marx e Engels e de grande parte dos marxianos e marxistas no decorrer da produção elaborada no período em Marx escrevia e após sua morte.

Tratar a experiência somente enquanto conceito retira da mesma a materialidade que a ela possui, principalmente sobre os aspectos de formação ampliada dos indivíduos no que tange as relações que estes indivíduos produzem no seu fazer cotidiano.

Nas relações de cumplicidade, no processo formativo dos indivíduos, pelo menos do ponto de vista ideológico, às obras e posturas políticas de Marx, faz aproximações entre a experiência e as contribuições que o aporte teórico metodológico do materialismo histórico e dialético produz na dinâmica das relações sociais dos indivíduos.

Este fato se faz presente ao destacar que pela experiência o materialismo histórico e dialético leva o indivíduo a possivelmente entender a realidade de um determinado fenômeno a partir do seu percurso no tempo e espaço histórico que vivenciam os acontecimentos. Esta forma de ver as coisas tendo a lupa do materialismo em mãos, o indivíduo pode a partir de um mergulho um pouco mais profundo neste que considera-se ser um dos mais importantes mecanismos de aproximação da verdade do fato/fenômeno histórico com as interpretações que se fazem de uma determinada realidade.

Ainda em Marx, ao acessar suas obras, permite que se faça reflexões sobre as questões do materialismo histórico e dialético. Sendo assim, infere-se que uma das obras mais importantes sobre este ponto de debate é a “Ideologia alemã”, principalmente quando Marx faz um percurso da experiência da história da Alemanha para aponta suas ideologias no dado momento histórico de suas análises.

Ao elencar alguns elementos das obras e vida de Marx, Leandro Konder (2015, p.86) destaca que “de acordo com o materialismo histórico, é impossível ter uma compreensão científica das grandes mudanças sociais sem ir à raiz dessas mudanças, quer dizer, sem chegar às causas econômicas que, em última instância, as determinam”.

Já os aspectos da dialética perpassam a ideia de compreender que a partir de Hegel havia uma disposição na indicação do método dialético no sentido de que “os seres e as coisas existem em permanente mudança, entrosados uns com os outros, e que só é possível compreendê-los se desde o início forem devidamente consideradas as suas ligações recíprocas”. (KONDER, 2015, p. 48).

Na arqueologia do saber buscou-se outros autores que tratam da questão da experiência com vinculação ao materialismo histórico e dialético. Um dos pesquisadores brasileiro que mais tem contribuído neste labor tem sido o José Paulo Neto. Lembre-se aqui, Freire destacando que, das obras de Marx, uma das teses mais interessantes, ele defendeu em duas páginas e meia, contida na “ideologia alemã” ao fazer duras críticas a Feuerbarch. Parafrazeando Freire, uma das obras de José Paulo Neto que mais contribuiu e ainda tem contribuído nesta discussão é a “introdução ao método de Marx”, principalmente, quando ele destaca as relações existentes entre o materialismo histórico e o dialético.

Neste contexto e, não seguindo um processo hierárquico dos acontecimentos, mas, percebendo que os fenômenos ocorriam no processo da simultaneidade dos fatos, remete-se a considerar Thompson como um dos mais relevantes autores da contemporaneidade que tratam as discussões sobre as concepções do materialismo histórico e dialético em Marx.

Ao buscar nas suas argumentações a possibilidade de entender a experiência como fator para impulsionar os operários na luta contra a burguesia industrial inglesa, Thompson (1987) retoma os escritos de Marx e Engels “Ideologia Alemã, Miséria da Filosofia e o

Manifesto Comunista” como um dos grandes suportes que influenciaram diretamente nas organizações de classe e da consciência de classe do movimento operário britânico.

Tendo estes textos e a experiência de se colocar em movimento, como suporte, infere-se que, as relações entre experiências e suportes estão diretamente imbricadas no processo de formação ampliada dos indivíduos. Isto fica mais evidente ao situar os destaques feitos por Raymond Williams e Pistrak. Estes realçam suas experiências de escrita as questões da experiência e do suporte nos seus processos formativos enquanto indivíduos históricos e sociais.

Williams que ao descrever sobre as mudanças ocorridas na Inglaterra, a partir das relações produzidas entre os homens da cidade e os homens do campo, enfatiza a seguinte situação.

[...] a alteração crucial sofrida pelo relacionamento entre homens [mulheres] e coisas, do qual a cidade é a personificação social e visual mais evidente. Ao ver a cidade, [...] com a consequência ao mesmo tempo empolgante e ameaçadora de uma nova mobilidade, como não apenas um sistema alheio e indiferente, mas, também o somatório desconhecido, talvez incognoscível, de tantas vidas diversas, acotovelando-se, entrechocando-se, perturbando, ajustando-se, reconhecendo, estabelecendo-se, mudando-se novamente para novos espaços [com ressignificações de suas territorialidades, culturas e de suas experiências]. [...] (WILLIAMS, 1989, p. 227)

Essa descrição feita pelo Raymond Williams aponta para a dinâmica que, da relação existe entre o campo e a cidade, no que tange o ajustamento, o reconhecimento e as mudanças ocorridas no ato das novas experiências vividas pelos indivíduos que habitavam a fronteira, em que passam a existir novas territorialidades culturais e novas experiências de vida e de vivência, proporcionavam a esses indivíduos outros aspectos formativos.

Já Pistrak (2000) faz suas abordagens sobre os aspectos formativos dos indivíduos, com base nos escritos sobre os fundamentos da escola do trabalho. Ele entende ser importante que todos os envolvidos tanto no processo produtivo quanto organizativo devem compreender que o ato da experiência individual ocorre a partir das relações com a vida em grupo. Pistrak destaca que.

[...] se quisermos desenvolver a vida coletiva [...], devemos formar entre os jovens não somente a aptidão para este tipo de vida, mas também a necessidade de viver e de trabalhar coletivamente na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos. Este é o único terreno que podemos escolher se quisermos obter resultados positivos na luta que se trava por um novo modo de vida. (PISTRAK, 2000, p. 50).

Pistrak está tratando da luta contra o sistema capitalista e para ele muito mais do que formar jovens que saibam lidar com a relação de trabalho seria importante que todos pudessem desenvolver diversas funções na cadeia produtiva e isto faria destes jovens adultos dotados de experiências, mas para que os mesmos pudessem pensar e executar este processo formativo era necessário ter um bom suporte. Isto fica evidente quando faz a seguinte abordagem sobre a questão da ação e formação dos indivíduos. Para ele,

[...] um instrumento que capacite o homem a compreender seu papel na luta internacional contra o capitalismo, o espaço ocupado pela classe trabalhadora nessa luta e o papel de cada adolescente [no seu espaço] para travar a luta contra as velhas estruturas. A escola do trabalho fundamenta-se no estudo das relações do homem com a realidade atual e na auto-organização dos alunos (PISTRAK, 2000, p. 10).

No tocante a esta reflexão buscou-se no próximo item destacar as possíveis contribuições que o suporte pode trazer para pensar o processo formativo dos indivíduos que estão envolvidos no movimento que tratam a experiência como fator de ampliação de formação, tendo o materialismo histórico e dialético como suporte formativo.

CONTRIBUIÇÕES DO SUPORTE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

A palavra suporte pode ter diversas conotações, ao observar o dicionário, percebe-se que esta palavra indica, aquilo que serve de sustentáculo a alguma coisa, ou ainda aquilo em que alguma coisa assenta ou se firma, há ainda a ideia de base de sustentação e base de apoio (FERNANDES, 1993). Entretanto, a abordagem aqui feita sobre este conceito está presente nos escritos de Danilo Martuccelli (2007) que destaca o suporte como sendo uma das dimensões que faz parte da gramática do indivíduo.

Por se tratar, neste texto, da formação do indivíduo, precisou-se compreender do ponto de vista conceitual o que é ser um indivíduo. Para Martuccelli (2007, p. 10) este conceito possui,

[...] la misma idea de individuo (*individir*) subraya de inmediato que se trata de un todo único e independiente que existe por sí mismo. Es inseparable, por lo tanto, de su condición de “oposición-complementariedad” con respecto al entorno y los demás. Su existencia depende de la manera con la cual se llega a definir la relación entre su “mónada” psíquica inicial y la “persona” social en la que se convierte.

Neste sentido, a produção do conceito de indivíduo fica explicitada na fala deste autor que trata de um ser que não precisa de outro para compreender sua própria existência, ou seja, não precisa se reconhecer como indivíduo a partir da existência de um ser

semelhante, mas que, ao definir suas relações a partir do entendimento de uma psique inicial, passa a buscar por meio do reconhecimento, uma convergência de que é também um ser social.

Martuccelli (2007, p. 37) ainda destaca que “[...] Ser um indivíduo, es estar definido por el doble sello incomprendible de la soberanía sobre sí y de la separación com respecto a los otros.” Por mais que haja o reconhecimento de uma coletividade, o indivíduo, é de certa forma, uma unidade deste coletivo que se singulariza nas ações quando feitas de forma individual.

Tendo essas referências sobre o conceito do que é ser um indivíduo, pôde-se avançar para pensar outras possibilidades, sobre as poucas influências de um ser tão singularizado, nas relações coletivas da produção social. (MARTUCCELLI, 2007). Essas referências também nos ajudam a compreender de forma mais ampliada as contribuições do suporte na formação de um ser que possui aspectos individuais e coletivos.

Retornando ao conceito de suporte, pôde-se identificar no pensamento de Freire contribuições importantes para refletir sobre esta temática. Freire (1996) ao fazer uma discussão sobre o inacabamento do humano destaca que o suporte é um dos fatores que levou homens e mulheres a se reconhecerem como diferentes dos animais no mundo.

Para Freire (1996, p. 22) o suporte é

[...] o espaço, restrito ou alongado, que o animal se prende “afetivamente” tanto quanto para, resistir; e o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio. É o espaço em que, treinado, adestrado, “aprende” a sobreviver, a caçar, a atacar, a defender-se nutri tempo de dependência dos adultos imensamente menor do que é necessário ao ser humano para as mesmas coisas. Quanto mais cultural é o ser maior a sua infância, sua dependência de cuidados especiais.

Essa relação entre o suporte e a vida dos indivíduos apontados por Freire permite fazer algumas inferências quanto ao processo formativo dos indivíduos, pelos menos, no que tange suas experiências e seus interesses. Entretanto, ao colocar-se em movimento e buscar tessitura da produção e reprodução da vida no cotidiano das pessoas pode-se perceber a importância do suporte neste contexto.

Sobre esta questão, corrobora-se com Freire (1996, p. 22) ao destacar que “No suporte, os comportamentos dos indivíduos têm sua explicação muito mais na espécie a que

pertencem os indivíduos do que neles mesmos. Falta-lhes liberdade de opção. Por isso, não se fala em ética entre os elefantes.” Neste sentido, os indivíduos passam a ser muito mais presentes no pensamento e ações coletivas, pois depende de outros indivíduos para vivenciar processos formativos.

Entre os jogos de interesses individuais e coletivos percebe-se que se não houvesse a existências de suportes alguns indivíduos não conseguiriam vivenciar processos formativos pela ação das experiências, entendendo a experiência como já destacada no texto.

A experiência formativa no/pelo trabalho entende-se ser um dos exemplos que melhor se encaixa nestas reflexões. O trabalhador somente conseguirá viver na plenitude sua experiência formativa no/pelo trabalho se tiver um suporte que lhe dê totais condições para isso.

Para Martuccelli (2007) os indivíduos modernos não conseguem mais viver sem se apoiar no suporte. Estes suportes podem se apresentar de diversas formas, em redes, em círculos e em vínculos. Em redes Matuccelli (2007, p. 55) destaca que “Cada individuo se encuentra así en el centro, y en medio de una serie de redes diversas cuya extensión y naturaleza peimiten comprender una dimensión importante del universo social.” Desta forma, as relações que envolve a dimensão formativa dos indivíduos estariam postas nas interações que as redes de suportes podem lhes proporcionar como espaço de apoio e de trocas de experiências.

Na modernidade diz Martuccelli (2007, p. 57)

[...] y con el advenimiento del individuos por su desprendimiento de la totalidad social (que, em esse registro, hay que distinguirlode su advenimiento por emergência del problema de la autonomía), se considera que el individuo recrea alrededor de sí, um círculo que le permite filtrar y organizar su vida, em médio de relaciones casa vez más numerosas y episódicas.

Com isso, e a partir das redes de relações infere-se que o suporte poderia contribuir na formação dos indivíduos pensando esses sujeitos desprendidos da totalidade social. Porém, não se pode abrir mão de pensar as questões da autonomia e emancipação que entende-se ser um dos itens primordiais no processo formativo do ser humano. Esta é uma questão muito relevante que deve ter a devida atenção para saber como trata-la.

HÁ CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO? QUAIS SÃO?

Sem querer destacar o pragmatismo diante de processos subjetivos na formação das dimensões que compõem os indivíduos, como já abordado neste texto, a experiência tem um papel importante na composição destas dimensões. Dentre todas as dimensões da gramática do indivíduo descritas por Martuccelli, o suporte foi a dimensão que entendemos ser uma das que contribui, juntamente com a experiência, para uma formação mais ampliada dos indivíduos. Entretanto, não se pode deixar de refletir sobre o caminho formativo que compõem este indivíduo entre suas experiências e seus suportes.

Na história da humanidade a materialidade dos fatos tem sido algo que poucos se detiveram em analisar de forma mais realistas as ações de indivíduos na sua individualidade e na sua coletividade, se reconhecendo como um ser social.

Não há como negar que mesmo no reconhecimento da coletividade, os indivíduos tomem atitudes individuais. Plekhanov (1980, p. 25) destaca a fala de Thierry sobre a luta de classes na Inglaterra apontando que estas lutas “não determinava o movimento apenas no sentido social e político.” Mas que eram visíveis suas influências no domínio das ideias. Tomando ainda a fala de Thierry, Plekhanov destaca sobre as lutas de classes que,

De ambos os lados a guerra era movida por interesses positivos. O resto não passava de aparência ou pretexto. Aqueles que se solidarizavam com a causa dos súditos, eram na sua maior parte presbiterianos, isto é, mesmo em religião não queriam nenhum jugo. Aqueles que sustentavam a causa contrária, eram episcopais e papistas; até nas formas do culto queriam encontrar poder a exercer e impostos a gravar sobre os homens. (TIERRY, apud, PLEKHANOV, 1980, p. 25)

Neste sentido, percebe-se a ação da materialidade da história sobre a vida e sobre as estruturais de pensamento que se produz em um dado momento em que a história está sendo vivenciada. Este fato, na concepção materialista da história irá oferecer um espaço profícuo de profunda troca de experiências entre os indivíduos.

Thompson (2011) ao fazer um percurso para pensar a formação da classe operária inglesa se aterá nas histórias vivenciadas pelos indivíduos de maneira individual e também no reconhecimento de suas experiências coletivas.

Essas experiências coletivas, de certa forma, chama a atenção quanto a importância de retratar a história não apenas como algo que ficou no passado, mas como forma de, na materialidade destes fatos, se reconhecerem também como ator e compositor desta história.

Sendo assim, a concepção materialista da história, no pensamento de Marx se volta para o processo de compreensão do conhecimento por meio de uma visão histórica, considerando as mudanças que o tempo histórico proporciona numa perspectiva dialética em que nada é permanente tudo está em constantes transformações. Para Lenin (1979) o materialismo dialético busca compreender as mudanças do mundo a partir da realidade material, utilizando os critérios de análise da dialética para assim alcançar o conhecimento mais abrangente e detalhado da evolução de uma determinada sociedade. Nesse sentido, a dialética em uma concepção materialista não se limita em analisar e compreender as transformações e mudanças somente na teoria, mas busca compreendê-las a partir da realidade em que elas aconteceram e acontecem.

Com isso, o materialismo dialético, procura, por meio de um método dialético, compreender as transformações sociais que ocorrem na sociedade, sendo este inseparável do materialismo histórico. A partir do momento que ocorre uma transformação ou mudança também se transforma e muda a história por meio da ação do homem sobre a natureza e sobre os processos históricos culturais. Sendo assim, o materialismo histórico e dialético é um método de análise do desenvolvimento humano, levando em consideração que o homem se desenvolve à medida que age e transforma a natureza e neste processo também se modifica e busca a modificação do meio em que vive se reconhecendo como também autor e ator da história. (PAULO NETTO, 2011)

Nesse contexto, o materialismo histórico e dialético é tomado como abordagem teórica, na busca de compreensão do objeto, tendo em vista que, na perspectiva dialética, coloca-se o desafio de explicitar, as intrincadas relações entre a produção de uma consciência dos indivíduos em formação pela experiências e suportes, do ponto de vista estrutural e conjuntural. Para Frigotto, a análise do método dialético no campo das ciências sociais e humanas, é crucial para o pesquisador,

[...] apreender a relação entre os elementos estruturais e conjunturais que definem um determinado fato ou fenômeno histórico. O campo estrutural fornece a materialidade de processos históricos de longo prazo e o campo conjuntural indica, no médio e no curto prazo, as maneiras como os grupos, classes ou frações de classe, em síntese, as

forças sociais disputam seus interesses e estabelecem relações mediadas por instituições, movimentos e lutas concretas (FRIGOTTO, 1999, p. 27).

O desafio de apreender essas relações impulsiona muitos pesquisadores no intuito de minimizar o fosso existente entre seus percursos histórico de formação e a materialidade da interlocução entre o conhecimento historicamente produzido e a realidade a ser desvelada pelo seu olhar de pesquisador e também de indivíduo.

Nessa perspectiva, a abordagem do método dialético pode ajudar a materializar os contextos históricos, a ao assumir a dialética como método torna desafiadora no sentido de que o objeto de estudo pode nos levar a acessar outros caminhos teóricos, considerados, talvez, na academia, contraditórios para dialogarem. Isto porque do ponto de vista da dialética

[...] a questão da aparência do fenômeno e de sua essência é uma das exigências do modo de pensar dialético, da ruptura com a forma habitual de pensar, que é a forma como vemos os objetos. É o reconhecimento de que a realidade não se dá a conhecer de modo imediato [ou ainda] que se possa fazer observação cuidadosa e repetida dos fatos, fazer mensurações, buscar determinada objetividade na observação da realidade, sua riqueza, sua complexidade enquanto ser social não se deixa apreender apenas pela observação dos aspectos empíricos, sensíveis, aparentes. É a essência, a interioridade que constitui a dialética do ser social ou a totalidade social, é o lado mais profundo, mais oculto que apenas pode ser captado pela reflexão que vai além do imediatamente perceptível (CIAVATTA, 2009, p. 73).

Essa reflexão feita por Ciavatta abre diversas possibilidades ao assumir a dialética enquanto método de pesquisa de um determinado fenômeno sócio-histórico-cultural. Com isso, buscou-se nos esforços desprendidos a partir de uma análise crítica, mesmo que arriscada, dessa realidade, dar conta de pensar o fenômeno não de forma a-histórica, mas vinculado a um determinado tempo e espaço, de indivíduos históricos concretos e contraditórios, pensando na relação que produzem com o sistema econômico vigente com outras possibilidades, a partir das experiências e suportes, da produção ampliada da vida.

No diálogo com as contradições existentes nos campos em disputas ampliam as possibilidades que a relação da dialética pode produzir. Sendo assim, buscou-se, neste estudo, o conhecimento crítico da realidade existente a partir dessas contradições, esperando trazer contribuições que ajudem a alterar e transformar “[...] a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano da vida prática.” (FRIGOTTO, 1999, p. 81).

Nesse sentido, entender as contribuições que as experiências e os suportes têm trazido para pensar a vida em sociedade e como ela tem proporcionado espaços/lugares de formação dos indivíduos, do ponto de vista da prática. Essa outra possibilidade de produção da vida evidenciada nas construções das relações coletivas, que aponta para a compreensão consciente de sua realidade. Pois de acordo com Pistrak (1981, p. 50),

[...] se quisermos desenvolver a vida coletiva [...], devemos formar entre os jovens não somente a aptidão para este tipo de vida, mas também a necessidade de viver e de trabalhar coletivamente na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos. Este é o único terreno que podemos escolher se quisermos obter resultados positivos na luta que se trava por um novo modo de vida.

Nesse contexto, as experiências e suportes passa a contribuir para pensar a ajuda mútua e o próprio significado de solidariedade entre os sujeitos em formação isto também se dá na própria forma de organização do trabalho, envolvendo a ação individual e coletiva dos sujeitos que estão diretamente envolvidos no processo produtivo, com isso há uma proximidade da proposta da escola do trabalho, preconizada por Pistrak e concebida como,

[...] um instrumento que capacite o homem a compreender seu papel na luta internacional contra o capitalismo, o espaço ocupado pela classe trabalhadora nessa luta e o papel de cada adolescente [jovens e adultos nos seus espaços] para travar a luta contra as velhas estruturas. A escola do trabalho fundamenta-se no estudo das relações do homem com a realidade atual e na auto-organização (PISTRAK, 1981, p. 10).

Sendo assim, pode-se inferir que a partir das experiências e os suportes com a lupa do materialismo histórico e dialético, os indivíduos podem vivenciar aspectos formativos, assim como destacado pela escola do trabalho de Pistrak, pode vir a ter no trabalho um dos princípios educativos, referência da formação integral dos sujeitos. Pistrak ainda destaca que

[...] A Escola do Trabalho fundamenta-se no estudo das relações do homem com a realidade atual e na auto-organização dos alunos. Uma vez que a realidade atual se dá na forma de luta de classes, trata-se de penetrar essa realidade e viver nela – daí a necessidade de a escola educar os jovens conforme a realidade do momento histórico, adaptando-se a ela e, por sua vez, reorganizando-a. (PISTRAK, 1981, p. 10).

A escola do trabalho sugerida por Pistrak, passa a ser um dos vieses para se pensar a experiência e os suportes como um espaço de formação ampliada dos indivíduos, que busca por meio da consciência de sua realidade concreta, condições reais de transformação dessa realidade. Nos chama a atenção Thompson ao destacar que “[...] a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos

culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1997, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os caminhos que este estudo nos levou a trilhar, passamos por alguns obstáculos no que concerne a análise das contribuições que a concepção materialista e dialética da história pode proporcionar, como espaços formativos de indivíduos, nas relações existentes entre experiências e suportes.

O trato com a experiência é cada vez mais desvelador de possibilidades de espaços formativos, no tocante ao suporte enveredamos a buscar a partir de Martuccelli interlocuções com a produção teórica na relação com a prática da vida vivida e verificamos como esta dimensão da gramática do indivíduo também proporciona momento de ampliação de formação.

Porém, algo que mais nos chamou e ainda desperta interesse é a potencialidade que a concepção materialista e dialética da história pode trazer, para que, nas relações de ampliação de formação, os indivíduos se compreendem enquanto um ser individual e coletivo e que ao se reconhecerem com um ser coletivo passam a produzir a vida a partir de experiências e do reconhecimento consciente, de que é um ser individual, mas também coletivo e, mais ainda um ser histórico, capaz de mudar processos de regulação em processos formativos que emancipam indivíduos na totalidade das suas dimensões.

Dessa forma, entendemos ter dado conta de responder a questão problema posto pela pesquisa neste estudo que foi, “quais contribuições a concepção materialista e dialética da história pode proporcionar, como espaços formativos de indivíduo, nas relações existentes entre experiências e suportes?”

Um olhar mais atento sobre estes dois conceitos nos permitirá compreender que os elementos essenciais para processo de formação ampliada dos indivíduos estão posto de forma mais relevante no materialismo histórico e dialético. Em que no materialismo histórico as experiências da vida são enfatizadas e no dialético expõem todas as contradições individuais e coletivas das vivências em sociedade.

REFERÊNCIAS

Clavatta, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores** (Rio de Janeiro, 1930-60) – Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.

Fernandes, Francisco. **Dicionário brasileiro globo**. 30ª ed. – São Paulo: Globo, 1993.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Frigotto, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Fazenda, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional** – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 1999. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11).

Konder, Leandro. **Marx: vida e obra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Larrosa, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. A Comissão Editorial agradece Corinta Grisolia Geraldí, responsável por Leituras SME, a autorização para sua publicação na Revista Brasileira de Educação.

Matucelli, Danilo. **Gramáticas del individuo**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Losada, 2007.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Paulo Netto, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Plekhanov, Guiorgui Valentinóvitch. **A concepção materialista da história: da filosofia da história, da concepção materialista da história, o papel do indivíduo na história**. 5 ed. – RJ: Paz e Terra, 1980.

Pistrak, M. M. **Fundamentos da escola do Trabalho**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2000.

Thompson, Edward Palmer. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Senhores e caçadores: a origem da lei negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

_____. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura.** Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.